



NOSSA SENHORA DO LORETO

Padroeira Universal da Aviação

ALCAFOZES





N o s s a S e n h o r a d o L o r e t o

Padroeira Universal da Aviação

ALCAFOZES

Este é um singelo contributo da APTCA e do SNPVAC, em representação dos Tripulantes de Cabine Portugueses, para as Festas de Nossa Senhora do Loreto, Padroeira Universal da Aviação em Alcafozes.

O nosso agradecimento à comissão de festas e a toda a população do concelho de Idanha-a-Nova, que todos os anos nos acolhem com um enorme carinho e com a beleza da sua genuína simplicidade.





snpvac

SINDICATO NACIONAL
DO PESSOAL DE VOO DA AVIAÇÃO CIVIL

SINDICATO NACIONAL DE PESSOAL DA AVIAÇÃO CIVIL

Tel: (+351) 218 424 000

geral@snpvac.pt

www.snpvac.pt



aptca

A voar ao teu lado

Associação Portuguesa de Tripulantes de Cabine

Tel: (+351) 218 452 020

Telm: (+351) 937 437 119

geral@aptca.pt

www.aptca.pt

ÍNDICE

Origem e história de Nossa Senhora do Loreto		
– Padroeira universal da Aviação	4	
Nossa Senhora do Loreto em Alcafozes, Portugal	7	
	Missal	11
O concelho de Idanha-a-Nova	25	



Origem e história de Nossa Senhora do Loreto

Padroeira Universal da Aviação

Basílica de Loreto
em Itália

Prece dos Aviadores

Ó Maria, Rainha do Céu, gloriosa Padroeira da Aviação, ergue-se até vós a nossa súplica. Somos pilotos e aviadores do mundo inteiro; e, arrojados pelos caminhos do espaço, unindo em laços de solidariedade as nações e os continentes, queremos ser instrumentos vigilantes e responsáveis da paz e do progresso para as nossas pátrias. Em vós depositamos a nossa confiança. Sabemos a quantos perigos se expõe a nossa vida; velai por nós, Mãe piedosa, durante os nossos voos. Protegei-nos no cumprimento do árduo dever quotidiano, inspirai-nos os vigorosos pensamentos da virtude e fazei com que nos mantenhamos fiéis aos nossos compromissos de homens e de cristãos. Reacendei em nossos corações o anelo dos bens celestiais, vós que sois a Porta do Céu; e guiai-nos, agora e sempre, nas asas da fé, da esperança e do amor. Amém.

(Oração oficial à Padroeira dos Aviadores, Nossa Senhora do Loreto, mandada compor por Sua Santidade o Papa Paulo VI, a pedido pessoal do Brigadeiro Eduardo Gomes, aquando de sua visita ao Vaticano em Maio de 1967.)

Aparição de Nossa Senhora do Loreto

O título Nossa Senhora do Loreto tem como referência a casa de Nazaré, onde o Arcanjo São Gabriel procedeu à Anunciação, onde viveram Jesus, Maria e José, e local de peregrinação durante treze séculos, como um dos locais santos da Palestina. Conforme a tradição, aquando da expulsão dos Cruzados do Porto de Acon, e temendo-se a destruição da Santa Casa por parte do emir Alá el-Din Taibar, na noite de 10 para 11 de Maio de 1291, a Casa foi transportada no ar por anjos para a colina entre Tersato e Fiume-Raunisa, na Dalmácia. A Casa voou de novo e fixou-se em Itália, num bosque de loureiros – daí a sua invocação –, próximo da vila de Recanati a 10 de Dezembro de 1294, ano em que os Cristãos foram definitivamente expulsos dos territórios santos na Palestina. A Casa foi objecto de vários estudos ao longo dos tempos; comparando a tipologia de materiais utilizados na sua construção, e com as poucas fundações deixadas na Palestina, o Papa Clemente VII, em Itália, comprovou a autenticidade da mesma. A Santa Casa contém um nicho com a imagem de Nossa Senhora com o Menino, em que o manto que cobre quase todo o corpo do menino é de cor preta, por se tratar de madeira de cedro do Líbano, conferindo-lhe uma forma aerodinâmica. Devido às peregrinações constantes, na segunda metade do século xv a Casa foi rodeada, por ordem do Papa Paulo II, por um templo tardo-gótico concebido pelo arquiteto Filipe Terzi, conhecido dos Portugueses, e declarou-se que a Casa era propriedade da Santa Sé. Ao longo dos tempos, o Santuário foi sendo melhorado e enriquecido com obras de arte.

De acordo com a história, e com documentos encontrados recentemente, em 1294 Nicéforo Ângelo (déspota do Epiro) deu o Santuário como dote à sua filha Itamar, que casou com Filipe de Taranto, Rei de Nápoles, no qual se incluíam as Santas Pedras da Casa de Nossa Senhora – facto atestado por estudos do Arquivo do Vaticano, que afirmam que uma família bizantina chamada Angelis, no século xii, salvou as pedras da Santa Casa de Nazaré da destruição muçulmana, mandando-as trazer para Loreto a fim de se reconstruir a Santa Casa. Segundo a versão popular, a Santa Casa foi transportada por anjos.

O facto é que, na Santa Casa, o culto a Nossa Senhora do Loreto nasce entre 1470 e 1475 e, desde então, tem sido destino de grandes peregrinações,





nomeadamente, de homens santos, como São João Bosco, São Luiz Gonzaga e outros, e de Papas, como Paulo II, Sisto IV, Leão X e mais recentemente João XXIII, Paulo VI e João Paulo II. O culto a Nossa Senhora do Loreto espalhou-se por toda a Itália e passou fronteiras, sobretudo onde existiam comunidades italianas. Em Portugal, os contactos com gentes de Itália realizavam-se desde a fundação da nacionalidade, inclusive o primeiro Rei de Portugal, D. Afonso Henriques, casou com D. Mafalda de Sabóia, e, ao longo dos séculos, as relações foram constantes. No século XIV, mercê da decadência do comércio entre as repúblicas italianas e o Oriente, devido à presença muçulmana na Palestina, começam a surgir na Península Ibérica, nomeadamente em Portugal, comunidades de italianos, não só navegadores e especialistas na arte de marear, mas também comerciantes e outros. D. Dinis contratou o genovês Emanuele Pessagno para almirante em 1317, as famílias Perestrelo e Spínola de origem genovesa, assim como Cristóvão Colombo, e todos se estabeleceram em Portugal. Lisboa encheu-se de ricos comerciantes e a comunidade dos italianos teve permissão real para construir, em 1518, o primeiro templo de invocação a Nossa Senhora do Loreto, templo esse totalmente reconstruído no século XVII e, novamente, depois do Terramoto de 1755, tendo resistido as paredes-mestras e a sacristia. O culto foi-se espalhando por algumas povoações em Portugal.

Com o advento da aviação após a Primeira Guerra Mundial, e por acção do Clero e de aviadores sensibilizados com o milagre da «Casa Voadora», a 25 de Março de 1920, na festa do Arcanjo São Gabriel, o Papa Bento XV proclamou «A Santíssima Virgem do Loreto, Padroeira Universal da Aviação». A 12 de Setembro desse mesmo ano, os aviadores reuniram-se em missa na Basílica de Loreto e fizeram, oficialmente, a consagração da sua Padroeira. No ano seguinte, a imagem foi destruída por um incêndio e, em 1922, o Papa Pio XII benzeu a nova imagem da Virgem do Loreto, não muito diferente da anterior, e ela foi acompanhada por aviadores no percurso entre a Capela Sistina e a Basílica de Loreto, onde chegou a 8 de Setembro.

A iconografia tradicional de Nossa Senhora do Loreto apresenta-a envolta num manto que inclusive cobre o Menino quase na totalidade, conferindo-lhe uma forma aerodinâmica, e cuja força propulsora são os anjos que a suportam.



Nossa Senhora do Loreto em Alcafozes, Portugal

Em Portugal, os profissionais da aviação militar e civil reúnem-se todos os anos em duas festas particularmente importantes: em Alcafozes, no último fim-de-semana de Agosto e, como tal, uma festa volante; e em Lisboa, no domingo mais próximo do dia 10 de Dezembro – dia de Nossa Senhora do Loreto – na igreja do mesmo nome, também conhecida como Igreja dos Italianos. Nessa cerimónia religiosa, normalmente presidida pelo Núncio Apostólico acreditado em Portugal, estão representadas algumas companhias de aviação, instituições militares e civis ligadas ao voo, como a APTCA e outras, com os seus estandartes e mais recentemente com o coro da TAP.

Como foi referido, o culto espalhou-se por alguns pontos de Portugal e vários são os templos ou ruínas de invocação a Nossa Senhora do Loreto. Em Alcafozes, o templo terá sido edificado no início do século XVIII, provavelmente

pela acção de famílias abastadas da terra. Recorde-se que esta povoação estava inserida em território pertencente à Ordem de Cristo, que teve como administrador o rei D. Manuel I. A ordem foi secularizada em 1510 e, em 1551, pela bula de Júlio III, e no tempo de D. João III, os bens passaram para a Coroa. Foram criadas novas comendas, em que muitas vezes os comendadores arrendavam as propriedades e, nesse sentido, foi sendo frequente a existência de rendeiros, que eram grandes proprietários. Uma dessas famílias poderá ter sido a família Capello, cuja existência em Alcafozes é assinalada desde os finais do século XVII, tendo alguns dos seus membros ocupado lugares de destaque, nomeadamente como juristas e clérigos ligados à Ordem de Cristo. Respondendo ao inquérito que o Marquês de Pombal ordenou aos párocos de todo o Reino, o Pároco Vicente em 1759 refere a existência da capela de Nossa Senhora do Loreto,

embora ela possa ser anterior. Ao longo dos tempos, fizeram-se várias intervenções no templo, a última das quais em 2001. As festividades em louvor de Nossa Senhora do Loreto registam-se pelo menos desde 1898, como é referido na autorização do Bispo de Portalegre à realização da procissão. O orago de Alcafozes é São Sebastião e em finais do século XIX outras festividades começam a ganhar dimensão, como as do Espírito Santo e as de Santo António.

Quando a aviação comercial começa a despontar, a Força Aérea está pujante e há um grupo de alcafozenses – do qual se destacou, pelo seu dinamismo, o Sr. Joaquim Marques – que depois de muitas *démarches* consegue não só obter terreno em volta da capela, para ser realizada uma procissão campal com o apoio do Pároco António Costa, como, e mais importante, que a cerimónia religiosa campal fosse sobrevoada por aviões da Força Aérea. Importa destacar o papel do então comandante da Base Aérea de Alverca, coronel Mira Delgado e o do tenente-coronel Kaulza de Arriaga, subsecretário de Estado da Aeronáutica que, em 1959, inaugurou os melhoramentos do altar-mor juntamente com o general Carlos Costa Macedo. Autoriza-se que em 1957 a procissão seja sobrevoada por diversos aviões da Força Aérea. A partir de então, esta força faz-se representar, anualmente, ao mais alto nível com o seu estandarte, terno de clarins, guarda de honra, além do capelão e de um oficial general, em representação do Chefe de Estado-Maior da Força Aérea, enquanto aviões sobrevoam a procissão. Muitos pilotos da TAP terão sido militares da Força Aérea, pelo que é natural que, posteriormente, muitos estivessem presentes nos festejos.

Em 1983, por iniciativa de um alcafozense, na altura comissário de bordo e Secretário da Mesa da Assembleia-Geral do SNPVAC, consegue-se congregar a primeira equipa voluntária composta pelo comandante Barreto, homem originário do concelho, o T/V Vinagre, a C/C Helena Antunes, o A/B Beltrão e o C/B J. Nunes, que se faz representar nos festejos. Nos anos seguintes, a esta equipa juntaram-se a A/B Vera, o C/B José Afonso e a A/B Nunes da Silva, ficando alojados na casa dos pais desse alcafozense. Por acção do SNPVAC e, posteriormente, da APTCA, em particular da A/B Nunes da Silva, junto da presidência da TAP, o transporte foi fornecido por esta empresa. Dada a necessidade de um alojamento com maior capacidade, os tripulantes começam a instalar-se no Hotel da Fonte Santa, nas Termas de Monfortinho. O número de tripulantes foi aumentando e as estadias passaram a ocupar outros estabelecimentos hoteleiros. Todos os anos, a Comissão de Festas contacta todas as entidades para obter patrocínios e convidar para a festa, depois de marcada a data. É estabelecido um programa, que inclui duas componentes: a religiosa, com a procissão das velas e a missa campal, na presença de todas as individualidades, e a lúdica, com concertos e actuações de artistas nacionais contratados, em função dos orçamentos. Dado tratar-se de uma aldeia raiana, a festa tem obrigatoriamente que ter «touradas», que, até à edificação da praça, eram realizadas no adro da aldeia, bem como o tradicional fogo-de-artifício e a actuação de uma banda filarmónica. Os tripulantes assistiam fardados às cerimónias religiosas, aos espectáculos e faziam *tours* na região com visitas a Monsanto, Idanha-a-Velha, Penha Garcia ou passeios mais distantes ao Sabugal e Sortelha, Belmonte e à própria Serra da Malcata. A APTCA

adquiriu uma carrinha e durante uns anos o transporte foi assegurado por esta associação. Por acção do colega Paulo Antunes, em 1992, além da actuação dos artistas contratados, os festejos integraram o grupo desportivo da TAP, que se apresentou como uma atracção musical num espectáculo em que actuou, para além de outros, o associado Charana, e se teve como apresentador o então Presidente da Assembleia-Geral Raimundo Magalhães, como atesta o respectivo cartaz. Em 1994, a APTCA, o SNPVAC e o SPAC tomaram a seu cargo a recuperação da imagem de Nossa Senhora do Loreto, que foi levada para Lisboa e recuperada, por indicação do professor Sérgio de Andrade (ao tempo conservador do Museu de Arte Antiga e especialista em hagiologia), num *atelier* ligado ao Instituto José de Figueiredo. Depois de pronta, a imagem pernoitou no SNPVAC na companhia de dirigentes que aí passaram a noite até a imagem ser recolhida por um dos elementos da Comissão de Festas, que se fez acompanhar por dois colegas que a escoltaram até Alcafozes. Nesse ano de 1994, a APTCA e o SNPVAC participaram para a construção do pedestal, que suporta o avião *Cessna T37*, pertencente à patrulha acrobática das Asas de Portugal, oferecido nesse mesmo ano pela Força Aérea Portuguesa, como atestam as placas existentes no local.

Na cerimónia religiosa, foi concelebrante pela primeira vez o capelão da TAP, o saudoso Padre Sarmento. Refira-se que o número de tripulantes continuou a aumentar. A aviação de recreio ultraleve passou igualmente a participar nas celebrações religiosas com o sobrevoo de aeronaves do Aeroclube de Castelo Branco e de outros. Com a saída do alcafozense do voo em 1995 por motivos

de saúde, foi Emília Macedo que, a partir de 1996 e até 2016, dinamizou a deslocação dos tripulantes a Alcafozes, em comunicação com as Comissões de Festas, tendo realizado um trabalho extraordinário e reconhecido por todos. Neste período, destaca-se o sobrevoo de ultraleves, um deles pilotado por João Carvalho, outros por pilotos de clubes aéreos. Vários pilotos fizeram voos de acrobacia. Com a proliferação de companhias aéreas portuguesas e estrangeiras, muitas destas fazem-se representar com estandartes e tripulantes. No âmbito da participação na celebração da missa campal, destacaram-se com as suas vozes Lília Roque, Lília Furzoni, um pequeno grupo coral até à formação do coro da TAP e que conta com a participação de tripulantes, realçando-se o papel de Isabel Pimentel, autora de algumas letras cantadas na liturgia. Registou-se a presença de representantes da administração da TAP, incluindo o presidente Eng. Fernando Pinto. Refira-se ainda a dedicação do tripulante da Portugália Paulo Duarte, que em 2003 passou a dedicar a sua vida a Deus, voltando por duas vezes a Alcafozes já como sacerdote. Depois da retirada de Emília Macedo, em 2017, são as associadas Nazaré Vilela e Maria Garin que assumem o elo de ligação entre o SNPVAC e APTCA com as Comissões de Festas para que a tradição se mantenha e anualmente atraia mais entusiastas. A APTCA tem estado sempre activa, quer mediante a participação de tripulantes fardados quer dos reformados que por vezes se fazem acompanhar de família e amigos; está igualmente activa na aquisição de prendas e de bilhetes de avião de várias companhias, que são oferecidos às Comissões de Festas para serem leiloados, angariando assim dinheiro que reverte a favor dos festejos. Afinal, é a festa em honra da Padroeira Universal da Aviação.



MISSAL

Nossa Senhora do Loreto em Alcafozes
Padroeira Universal da Aviação



CÂNTICO DE ENTRADA

I

Todos juntos
Este ano
Em Agosto
Todos juntos
No Santuário
A cantar
Ó Senhora do Loreto
Olha por nós ao voar
Os teus filhos aqui estão
P'ra te louvar

Põe tua mão
Sobre o meu avião
Quando descola
Põe tua mão
Sobre o meu avião
Ao aterrar
Ó Senhora do Loreto
Olha por nós ao voar
Os teus filhos aqui estão
P'ra te louvar

II

Todos juntos
Este ano
Em Agosto
Todos juntos
No Santuário
A cantar
Ó Senhora do Loreto
Olha por nós ao voar
Os teus filhos aqui estão
P'ra te louvar

Põe tua mão
Sobre o meu avião
Quando descola
Põe tua mão
Sobre o meu avião
Ao aterrar
Ó Senhora do Loreto
Olha por nós ao voar
Os teus filhos aqui estão
P'ra te louvar

III

Ó Senhora do Loreto
Olha por nós ao voar
Alcafozes vem em peso
Te louvar
Ó Senhora do Loreto
Que aqui vimos festejar
Alcafozes vem em peso
Te louvar
Alcafozes vem em peso
Te louvar

Letra: Isabel Pimentel
S/C TAP PORTUGAL
Música: Padre Borga

SANTA MISSA

(S – Sacerdote; F – Fiéis; T – Todos)

Ao princípio

S – Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

F – Ámen.

S – A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

F – Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

ACTO PENITENCIAL

S – Irmãos, para celebrarmos dignamente os santos mistérios, reconheçamos que somos pecadores. Confessemos os nossos pecados:

T – Confesso a Deus todo-poderoso e a vós, irmãos, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, actos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa, e peço à Virgem Maria, aos Anjos e Santos, e a vós, irmãos, que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor!

S – Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

F – Ámen.

KYRIE

S – Senhor, tende piedade de nós.

F – (Repete-se)

S – Cristo, tende piedade de nós.

F – (Repete-se)

S – Senhor, tende piedade de nós.

F – (Repete-se)

GLÓRIA

(quando houver)

S – Glória a Deus nas alturas

T – E paz na terra aos homens por Ele amados. Senhor Deus, Rei dos Céus, Deus Pai todo-poderoso; nós Vos louvamos, nós Vos bendizemos, nós Vos adoramos, nós Vos glorificamos, nós Vos damos graças por vossa imensa glória. Senhor, Jesus Cristo,



Filho Unigénito, Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai; Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós; Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica; Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós. Só Vós sois o Santo; Só Vós o Senhor, Só Vós o Altíssimo, Jesus Cristo; com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. *Âmen.*

ORAÇÃO

(como no Missal)

LITURGIA DA PALAVRA

S – Leitura de... (No fim): Palavra do Senhor.

F – Graças a Deus.

EVANGELHO

S – O Senhor esteja convosco.

F – Ele está no meio de nós.

S – Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S...

F – Glória a Vós, Senhor.

S – (No fim): Palavra da Salvação.

F – Glória a Vós, Senhor.

CREDO

(quando houver)

S – Creio em um só Deus,

T – Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigénito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos; Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos céus, e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, e Se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos, padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai; de novo há-de vir em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado; Ele que falou



pelos Profetas. Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica. Professo um só Baptismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há-de vir. Ámen.

ORAÇÃO UNIVERSAL

LITURGIA EUCARÍSTICA

OFERTÓRIO

CÂNTICO

Nossa Senhora
Em Alcafozes
Nós te louvamos
Com as nossas vozes

Filhos da Terra e
Filhos do Ar
Aqui unidos
P'ra festejar

Rogai por nós
Aviadores
Nas nossas vidas põe tua mão
E ao chegarmos
Te bendizemos
E ao chegarmos
Te bendizemos
E agradecemos
A tua protecção

Filhos da Terra e
Filhos do Ar
Aqui viemos
P'ra te louvar

Nossa Senhora
Nesta homenagem
Olhai por todos
Que estão em viagem

Letra: Isabel Pimentel
S/C TAP PORTUGAL
Música: Frei Hermano da Câmara



Preparação dos dons

OFERTÓRIO DO PÃO

S – Bendito sejas, Senhor, Deus do Universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do trabalho do homem, que hoje Vos apresentamos, e que para nós se vai tornar Pão da vida.

F – Bendito seja Deus para sempre.

OFERTÓRIO DO VINHO

S – Bendito sejas. Senhor, Deus do Universo, pelo vinho que recebemos da vossa bondade, fruto da videira e do trabalho do homem, que hoje Vos apresentamos, e que para nós se vai tornar Vinho da salvação.

F – Bendito seja Deus para sempre.

ORAÇÃO SOBRE OS DONOS

(como no Missal)

S – Orai, irmãos, para que o meu e vosso sacrifício seja aceite por Deus Pai todo-poderoso.

F – Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício, para glória do seu nome, para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

LITURGIA EUCARÍSTICA

S – O Senhor esteja convosco.
F – Ele está no meio de nós.
S – Corações ao alto.
F – O nosso coração está em Deus.
S – Dêmos graças ao Senhor nosso Deus.
F – É nosso dever, é nossa salvação.

PREFÁCIO

Dentre os numerosos Prefácios, apresentamos este:

Senhor, Pai Santo, Deus eterno e onnipotente, é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação dar-Vos graças sempre e em toda a parte. Por amor criastes o homem; e, embora justamente condenado, em vossa misericórdia o salvastes por Cristo, nosso Senhor. Por Ele, numa só voz, os Anjos e os Arcanjos e todos os coros celestes proclamam alegremente a vossa glória. Permiti que nos associemos às suas vozes, cantando humildemente o vosso louvor:

T – Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do Universo.
O céu e a terra proclamam a vossa glória. Hossana nas alturas. Bendito O que vem em nome do Senhor. Hossana nas alturas.

II ORAÇÃO EUCARÍSTICA

Dentre as várias Orações Eucarísticas, publicamos esta:

Vós, Senhor, sois verdadeiramente Santo, sois a fonte de toda a santidade! Santificai estes dons, derramando sobre eles o vosso Espírito, de modo que se convertam, para nós, no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na hora em que Ele Se entregava para voluntariamente sofrer a morte, tomou o pão, e, dando graças, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo:

TOMAI TODOS E COMEI: ISTO É O MEU CORPO QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS.

De igual modo, no fim da Ceia, tomou o cálice e, dando graças, deu-o aos seus discípulos, dizendo:

TOMAI TODOS E BEBEI: ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS, PARA REMISSÃO DOS PECADOS.

FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.

MISTÉRIO DA FÉ.



F – Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição: Vinde, Senhor Jesus!

S – Celebrando agora, Senhor, o memorial da morte e ressurreição do vosso Filho, nós Vos oferecemos o pão da vida e o cálice da salvação e Vos damos graças porque nos admitistes à vossa presença para Vos servir nestes santos mistérios.

Humildemente Vos suplicamos que, participando no Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo.

Lembrai-Vos, Senhor, da vossa Igreja, dispersa por toda a terra, tornai-a perfeita na caridade, em comunhão com o Papa Francisco, o nosso Bispo Manuel e todos os que estão ao serviço do vosso povo.

Lembrai-Vos também dos (outros) nossos irmãos que adormeceram na esperança da ressurreição e de todos aqueles que, na vossa misericórdia, partiram deste mundo: admiti-os na luz da vossa presença.

Tende misericórdia de nós, Senhor, e dai-nos a graça de participar na vida eterna, com a Virgem Maria, Mãe de Deus, os bem-aventurados Apóstolos e todos os Santos que desde o princípio do mundo

viveram na vossa amizade, para cantarmos os vossos louvores, por Jesus Cristo vosso Filho.

Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre.

F – Ámen.

COMUNHÃO

S – Fiéis aos ensinamentos do Salvador ousamos dizer:

T – Pai Nosso... mas livrai-nos do mal.

S – Livrai-nos de todo o mal, Senhor, e dai ao mundo a paz em nossos dias, para que, ajudados pela vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e de toda a perturbação, enquanto esperamos a vinda gloriosa de Cristo nosso Salvador.

F – Vosso é o reino e o poder e a glória para sempre.

S – Senhor Jesus Cristo, que dissestes aos vossos Apóstolos: Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz: não olheis aos nossos pecados, mas à fé da vossa Igreja; e dai-lhe a união e a paz, segundo a vossa vontade. Vós que sois Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

F – Ámen.

S – A paz do Senhor esteja sempre convosco.
F – O amor de Cristo nos uniu.
T – Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,
tende piedade de nós.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,
tende piedade de nós.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,
dai-nos a paz.
S – Felizes os convidados para a Ceia do Senhor.
Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.
T – Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo.

S – O Corpo de Cristo.
F – Ámen.

CÂNTICO

É o meu corpo, tomai e comei.
É o Meu sangue, tomai e bebei.
Porque eu Sou a Vida, porque eu Sou o Amor.
Ó Senhor, faz-nos viver o Teu amor.

Glória ao Pai que nos criou, glória ao Filho Redentor,
Glória ao Espírito de vida que na Igreja é amor.

Unidos na caridade comemos do mesmo Pão,
Cada homem é para nós o nosso irmão.

É o meu corpo, tomai e comei.
É o Meu sangue, tomai e bebei.
Porque eu Sou a Vida, porque eu Sou o Amor.
Ó Senhor, faz-nos viver o Teu amor.

Se beberdes deste cálice e comerdes deste Pão,
O Senhor vos há-de dar o Dom da Ressurreição,
Do altar vamos partir ao encontro dos irmãos
Levando a graça de Deus em nossas mãos.

É o meu corpo, tomai e comei.
É o Meu sangue, tomai e bebei.
Porque eu Sou a Vida, porque eu Sou o Amor.
Ó Senhor, faz-nos viver o Teu amor.
Como o Senhor nos amou jamais alguém pode amar,
Rochedo de salvação que veio p'ra nos salvar.
Quando estamos reunidos e partilhamos o Pão,
Ele nos dá o Seu amor, é nosso irmão.

É o meu corpo, tomai e comei.
É o Meu sangue, tomai e bebei.
Porque eu Sou a Vida, porque eu Sou o Amor.
Ó Senhor, faz-nos viver o Teu amor.



«Aos que comungaram recomenda-se que continuem em oração por mais algum tempo.» (Ritual, n.º 25)

ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO

(como no Missal)

S – O Senhor esteja convosco.

F – Ele está no meio de nós.

S – Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

F – Ámen.

S – Ide em paz e o Senhor vos acompanhe.

F – Graças a Deus.

«O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício do seu Corpo e do seu Sangue..., sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura.»

(Conc. Vaticano II, SC. 47)

CÂNTICO TRADICIONAL DA SENHORA DO LORETO EM ALCAFOZES

(adufe)

Tantos anjos me acompanham (2x sempre)

Como de passadas dei (2x sempre)

Senhora de Loreto

Que lá estais no cabecinho

Des'que [desde que] não faça vento

Lá corre um arzinho

Senhora de Loreto

E a nossa capela cheira

Cheira a cravos, cheira a rosas

Cheira a flor de laranjeira

Senhora de Loreto

Onde tendes a morada

No cabeço das taipinhas

Numa casa caleada

ADEUS À VIRGEM DO LORETO

Ó Virgem do Loreto
D'Alcafozes senhora
De Portugal rainha
Dos homens protectora
Ó Virgem do Loreto
D'Alcafozes senhora
Da vossa capelinha
Forçoso é ir-me embora

Coro

Uma prece final
ao deixar-Vos mãe de Deus
viva sempre em minha alma
este grito imortal
Ó Virgem a Deus
Virgem mãe adeus





I

Ficai com Deus senhora
Nesse monte sagrado
Que eu parto nesta hora
Convosco lado a lado
Eu parto e vós ficais
Nessa santa mansão
Na minha alma deixais
O Vosso Coração

II

Partir, sem ti, não quero
Virgem nossa senhora
Dai um lugar eterno
À minha alma pecadora.
À bem-aventurança
Meu coração irá
Minha alma só descansa
Quando for para lá

III

Na hora da partida
Dou-vos o coração
Junto à Vossa ermida
Preito da devoção
Ó virgem minha mãe
Senhora do Loreto
A minha alma será vossa
Aqui vo-lo prometo

IV

Senhora do Loreto
Divina companheira
Dai-nos a vossa bênção
Abençoai a terra inteira
Senhora do Loreto
Ouvi as nossas vozes
Convertei a nossa terra
E salvai Alcafozes







O CONCELHO DE
IDANHA-A-NOVA

O TERRITÓRIO

Idanha-a-Nova é o quarto concelho mais extenso de Portugal, com 1416,34 quilómetros quadrados, uma população de cerca de nove mil habitantes e uma densidade populacional de aproximadamente 6,8 habitantes por quilómetro quadrado. A sua população é bastante envelhecida e tem por base de sustentação a agricultura, a pecuária e as pequenas indústrias transformadoras, nomeadamente a alimentar e os serviços.

Idanha-a-Nova encontra-se dividida em treze freguesias, algumas das quais em união, depois da última alteração administrativa. De destacar o pólo de ensino superior do Instituto Politécnico de Castelo Branco, que é a Escola Superior de Gestão. Devido à sua localização fronteiriça, este concelho tem uma relação privilegiada com a Extremadura espanhola, destacando-se a feira raiana, que se realiza anual e alternadamente ora em Idanha-a-Nova ora em Moraleja. Idanha-a-Nova insere-se no Parque Natural do Tejo Internacional, cuja área é superior a 26 484 hectares, abrangendo o troço fronteiriço do rio Tejo com os seus afluentes, Erges e Ponsul, e englobando, além deste concelho, os de Castelo Branco e Vila Velha de Ródão. Em 2004, a Naturtejo aglutinou-se com os concelhos de Nisa, Oleiros e Proença-a-Nova e formou o Geoparque Naturtejo da Meseta Meridional, com uma extensão de cinco mil quilómetros quadrados e inserido na Rede Mundial de Geoparques criada em 2004 pela UNESCO. Tendo aderido em 2006 e tornando-se reserva da biosfera desde 2015, esta entidade tem como principal objectivo o desenvolvimento sustentável da região.

Morfologicamente, predomina sobretudo o xisto e por vezes o granito, assumindo este último um papel relevante na excrescência do granito de Monsanto, combinando-se com o quartzito na vizinha serra de Penha Garcia. É um território rugoso, com pequenas elevações ou serras de pequena altitude, entremeado por algumas planuras como a lezíria de Idanha, que foi outrora zona de cultivo intensivo de tabaco e é hoje zona de regadio da barragem Marechal Carmona e produz algumas variedades agrícolas como a melancia e o tomate. Aqui se fazem algumas experiências inovadoras no âmbito da agricultura. A vegetação inclui sobreiros, azinheiras e salgueiros nas linhas de água, além dos diversos tipos de giestas, estevas e rosmaninhos. A árvore predominante é a oliveira, sendo por isso uma região rica na produção de oleaginosas, e também o eucalipto. Na avifauna, destacam-se a águia-real, a águia-de-bonelli, o abutre-fouheiro, o abutre-do-egipto e cegonhas-pretas, uma espécie rara em Portugal. Quanto aos mamíferos, salientam-se a lontra-europeia, o gato-bravo, a gineta, o veado vermelho, a raposa e o javali, que tem proliferado.

A aposta no turismo tem sido forte, com destaque para o turismo paisagístico e a natureza, em que se incluem Geossítios como o Parque Icnológico de Penha Garcia, que remonta há 480 milhões de anos, o *Inselberg* genético de Monsanto-Moreirinha-Alegrios, com cerca de 300 milhões de anos, e o couto Mineiro de Segura, um autêntico manual de arqueologia mineira de onde se extraíram volfrâmio, estanho, ouro, zinco e chumbo. O produto turístico cinegético é de grande importância, com várias reservas como as Termas de Monfortinho,

com o seu termalismo e repouso, ou o simples lazer proporcionado por várias piscinas municipais, pela praia fluvial na barragem Marechal Carmona ou pelo *birdwatching*. E dentro do lazer cultural, englobando-se aqui o histórico-monumental, há as festividades religiosas, festas e feiras e ainda o Boom Festival, que atrai milhares de pessoas provenientes de todos os países do mundo. A oferta hoteleira é diversificada, salientando-se os hotéis existentes nas Termas de Monfortinho, em Idanha-a-Nova, e uma série de alojamentos de turismo rural, bem como o agro-turismo, o alojamento local, uma pousada da juventude e também um belo parque de campismo, bem situado junto à barragem Marechal Carmona. A gastronomia é rica essencialmente em vegetais e carnes, sendo o cabrito, o borrego, o veado e o javali os mais representativos. A perdiz de escabeche foi um dos pratos levados a concurso e destacam-se os queijos (picante, de cabra, de ovelha ou misto) e o pão de forno de lenha, salientando a bica, que lembra o pão ázimo dos Judeus. Têm sido feitos roteiros pedestres e outros ao longo dos principais locais numa lógica de interesse do município e do mercado.

Historicamente, existem vestígios da Idade do Ferro no que foi parte da Lusitânia que resistiu à invasão romana e à romanização, mas foi com esta última que o território atingiu esplendor – sobretudo com a *civitates Aegitânea* romana, situada na estrada entre a Emerita Augusta, Conímbriga, *Visium* e mesmo *Scalabis*, como refere o itinerário de Antonino. Com as invasões bárbaras, alterou-se a fisionomia da pólis, mas o cristianismo já dominava; primeiramente os Suevos e depois os Visigodos unificaram a Península Ibérica, e a *Aegitânea*

tornou-se extremamente importante. Mercê de uma guerra civil no seio dos Visigodos, uma das facções chamou os Muçulmanos à Península Ibérica e, em 711, Tariq com o seu exército mouro auxiliou Vitiza contra Recaredo, que foi derrotado. Os Mouros, após receberem o tesouro, avançaram para norte e conquistaram todo o território que é hoje Portugal. Seguiu-se um período de arabização, de coexistência com judeus e cristãos moçárabes que durou cerca quatrocentos anos. A fase da Reconquista com a guerra dos fossados levou a uma desertificação constante do território até que, com a formação de Portugal, D. Afonso Henriques consegue conquistar o território até à linha do Tejo. Essas conquistas são consolidadas por acção da Ordem dos Templários, que entraram em Portugal ainda no tempo de D. Teresa, com a doação do castelo de Soure e posteriormente Penela, sendo que D. Afonso Henrique doou Tomar, onde foi estabelecida a sede da ordem. Assim, neste reinado e no seguinte, todo o território que é hoje o concelho era parte integrante desta ordem militar (a data da doação do território da Egitânia, do rio Zêzere ao rio Erges, é precisa: Novembro de 1165). Em 1312, por pressão do rei Filipe, o *Belo*, o Papa Clemente V extinguiu esta ordem e mandou transferir os bens para a posse dos Hospitalários. O hábil rei D. Dinis alertou para o perigo dos Mouros na Península e pediu autorização para a criação de uma nova ordem religiosa militar, a Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, que teve a sua primeira sede em Castro Marim, em 1319, por acção do Papa João XXII, tendo adquirido todos os bens dos Templários e passado, em 1357, a sua sede para Tomar. Assim, todo o território passou para a posse da Ordem de Cristo até 1834, altura em que as ordens religiosas foram extintas. Esta ordem

já tinha sido secularizada em 1789 e desde o reinado de D. João III que o rei era o administrador da mesma. O território foi organizado em comendas que eram doadas ou arrendadas e eram os comendadores que, por sua vez, as administravam através de terceiros, por vezes não chegando sequer a conhecer as propriedades. Simultaneamente, foram sendo criados vários concelhos, um dos pilares fundamentais da organização feudal que no século XVI foi incrementada com os novos forais de D. Manuel I. Com a extinção das ordens religiosas em 1834, as propriedades foram vendidas em hasta pública e doadas aos concelhos como baldios e terrenos comunitários, que foram desaparecendo ao longo dos tempos a favor dos grandes senhores. Este território sofreu durante séculos as vicissitudes da guerra, essencialmente com Espanha, aquando do final da união dinástica. Em 1644, foi criada a Compañía de Montados de La Zarza, que invadiu Portugal, destruindo e roubando bens e gado. Esses ataques assolaram particularmente Zebreira, Alcafozes, Monsanto, Idanha-a-Nova, Rosmaninhal, Penha Garcia e Penamacor. Enquanto os Portugueses se limitavam a defender e, esporadicamente, a retaliar, as perdas entre a população foram enormes. Posteriormente, em 1810, na terceira invasão das tropas napoleónicas auxiliadas pelas tropas espanholas e chefiada por Massena, o grosso das forças entrou por Almeida; e o general Junot, conhecedor do território devido à primeira invasão, entrou por Segura, havendo confrontos (e as devastações inerentes) entre a população e as tropas franco-hispânicas. No século XIX, regista-se junto das povoações a existência do baldio e da grande propriedade em concomitância com a privada, o que provocou a saída de muitas pessoas, destacando-se os famosos



«ratinhos», que em ranchos iam trabalhar para o Ribatejo e o Alentejo. O Estado Novo na sua política de desenvolvimento agrícola construiu a barragem Marechal Carmona, permitindo assim uma vasta zona de regadio. Mas a população continuava pobre, e na década de 1960, emigra essencialmente para França, não deixando Lisboa de ser um grande apelo. O fenómeno da Reforma Agrária depois de 1974 pouco efeito teve, destacando-se apenas a lei Barreto, que concedeu aos municípios alguns terrenos. O povo é rijo como o granito, apegado ao chão que o viu nascer, emigrante e imigrante por necessidade, mas sem cortar o cordão umbilical à terra dos seus avós.

Assim estamos perante um território rico em História e em património, em tradições seculares, que combinam tradições cristãs com árabes e judaicas, que urge preservar e que o turismo deve descobrir e sobretudo promover.



ALCAFOZES

Pequena aldeia com pouco mais de uma centena e meia de habitantes, foi termo da *civitates* romana Egitânia onde, segundo alguns, terá existido uma *villa* romana tendo em vista a pastorícia, graças ao terreno alagadiço, ou «*Stagnis Confossis*», de onde deriva «*Villae Confossis*», que terá sido o nome da cidade suevo-visigótica de Idanha-a-Velha. No período mouro terá obtido o nome de Al Confossis, e depois Alcanfozes – adulterado posteriormente para Alcafozes. De origem eventualmente árabe, o seu nome deve-se sobretudo às condições para a pastorícia, daí a terminologia de «gaiolas mouriscas». Com a Reconquista, há na verdade uma desertificação do território, que é transferido para a posse da Ordem dos Templários e posteriormente para a Ordem de Cristo. Em 1510, D. Manuel I, ao conceder novo foral a Idanha-

-a-Velha, tenta desenvolver a decadente cidade, mas sem sucesso. Eventualmente Alcafozes terá existido no seio de alguma comenda. O primeiro povoado terá nascido na margem direita do ribeiro que vem da fonte do Álamo à Rua Velha. Protegida pela laje e pelo rio, ao fim do dia a aldeia era fechada com portadas por causa dos inimigos, fossem eles animais, como lobos, ou um inimigo humano. É provável que no monte em frente a São Marcos (o Patriarca de Alexandria) existissem palheiros como na margem esquerda do mesmo ribeiro. Nesta incerteza, o facto é que já deveria ter alguma importância, embora o seu maior desenvolvimento só tenha acontecido no período da união dinástica entre 1580 e 1640. A cruz existente no adro atesta a data de 1631, o que nos leva a supor que terá sido nesse ponto que surgiu o segundo pólo de desenvolvimento do tecido urbano, a partir do adro da igreja, conjuntamente com o já existente na Rua Velha. Outro facto é que, aquando das guerras da independência no século XVII, Alcafozes é mencionada como uma povoação que foi saqueada pelo contingente de Zarza e terá havido algum azedume quando a população foi obrigada a receber e a alimentar duas companhias. Só em 1668, com a paz definitiva, pôde Alcafozes finalmente reorganizar-se.

Os primeiros registos de casamentos, baptismos e óbitos datam de 1694, pelo que é provável que a actual igreja já existisse ou tivesse começado a ser construída, uma vez que seriam aqui celebrados casamentos e os mortos eram sepultados dentro e fora da igreja. Por esta altura, com o Vigário alcafozense Gregório, a igreja estaria dependente de Idanha-a-Velha. Através desses documentos, é possível

verificar a proveniência das gentes, muitas das povoações circundantes e de outras mais longínquas, incluindo o reino de Hespanha. O documento mais importante é o Inquérito que o Marquês de Pombal manda fazer a todas as paróquias do reino, ao qual, no caso de Alcafozes, o Vigário Vicente, da Ordem de Cristo, responde, em 1759, que Alcafozes possuía 115 fogos e 354 habitantes, o triplo da população actual, e que era termo da vila de Idanha-a-Velha (outrora cidade). O vigário descreve a igreja como sendo a actual (terão existido intervenções posteriores), que o seu orago é São Sebastião e que pertencia ao bispado da Guarda. No mesmo documento, são mencionadas a Igreja da Misericórdia, que terá sido fundada antes de 1741, o que pressupõe a existência da urbanização do morro de São Marcos (embora coexistindo com palheiros até quase aos nossos dias), as capelas do Espírito Santo e de Santo António e já a do Loreto, no chamado cabecinho. Curiosamente, as capelas situavam-se em locais estratégicos: a do Espírito Santo, na saída da aldeia para Idanha-a-Velha; a de Santo António, no sentido do Santuário de Nossa Senhora do Almortão e portanto de Idanha-a-Nova; e a do Loreto na direcção da Granja de São Pedro, que fora outrora local de peregrinação. O vigário refere ainda que teve juiz de fora que residia três meses em Alcafozes, três meses em Idanha-a-Nova e três meses em Proença-a-Velha. Como personagem importante, ele menciona Agostinho Felis dos Santos Capelo, juiz desembargador no Rio de Janeiro. Agostinho Capelo, cuja família era abastada e lhe permitiu tirar o curso de Direito em Coimbra, foi juiz em várias comarcas, nomeadamente no Porto e em Salvador, no Brasil. O Marquês de Pombal incumbiu-o, juntamente

com outros, de fundar no Rio de Janeiro o primeiro Tribunal da Relação do Brasil. Agostinho Capelo esteve ligado à expulsão dos jesuítas do Brasil, assim como ao arresto dos seus bens; casou no Brasil, regressou a Portugal e integrou a Ordem de Cristo, tendo falecido em Alcafozes em 1767 e sido sepultado na igreja. Agostinho Capelo é apenas um exemplo desta família abastada cuja existência remonta aos finais do século anterior, pois existem várias outras personagens Capelo que são formados em Direito ou têm cargos militares ou religiosos.

No princípio do século XIX, mais concretamente em 1810, quando as tropas napoleónicas chefiadas por Massena e auxiliadas pelos Espanhóis invadiram Portugal, o experiente Junot invadiu Portugal por Segura. Depois da batalha do Sabugal, as tropas napoleónicas marcharam sobre Alcafozes, onde os esperava o Regimento de Cavalaria Nº 1, dando-se então a batalha de Alcafozes – assinada com uma lápide na extinta Escola Prática de Cavalaria de Santarém. O facto é que houve muita destruição, incluindo a Capela de Santo António. Em 1834, com a extinção das ordens religiosas, seguiu-se a lógica de outras povoações comuns ao território. Conforme referem os registos paroquiais, a profissão predominante era jornaleiro, isto é, homens que trabalham ao dia, e de sol a sol; o papel de proprietário parece caber a apenas uma família, a família Capello, que no século XIX se irá misturar com outras, como os Franco Frazão (da Capinha), Marrocos (de Idanha-a-Velha) e a família Manzarra (de Idanha-a-Nova), formando assim grandes latifúndios. Com a Primeira República, parece existir uma certa resistência à implantação do republicanismo, e a Primeira



Guerra Mundial vai levar muita gente a alistar-se, sendo que alguns regressam estropiados. Com a instauração do Estado Novo, inicia-se um período de certo desenvolvimento regional, com a construção da barragem Marechal Carmona. Mas após a Segunda Guerra Mundial há um período de grande emigração para França e para a capital. Alguns estabelecem-se por conta própria, outros ingressam nas forças de segurança ou nos bombeiros e mais tarde surge o emprego na banca. Durante o Estado Novo, procede-se ao saneamento básico e ao arranjo das ruas, sendo que ainda hoje algumas ruas ostentam o nome de políticos da época. Com o 25 de Abril, houve uma tentativa de nacionalização dos terrenos dos grandes proprietários, mas sem grande repercussão. Fundou-se uma cooperativa que teve uma vida efémera. A lei Barreto obrigou à restituição dos terrenos, com excepção de uma parte entregue aos concelhos para urbanizar

ou eventualmente explorar. Hoje, a povoação que já foi freguesia e teve acoplada a aldeia de Idanha-a-Velha, vê-se, mercê da desertificação, ligada a Idanha-a-Nova. No entanto, a sua população quadruplica em dias festivos.

Como património monumental, destaca-se a igreja matriz, cujo orago é São Sebastião. A igreja data do século XVIII, mas sofreu algumas alterações: a talha dourada desapareceu, passando a talha pintada, e deixou de ser local de sepulturas, como todas as igrejas e seus adros. Em 1823, tornou-se obrigatória a construção de cemitérios fora das povoações, embora no caso de Alcafozes a sua construção só tenha sido feita no final do século XIX. A igreja foi restaurada no princípio do século XIX e possui um trono no altar-mor, que presentemente está fechado, e alguma imaginária interessante, que, em alguns casos, será mesmo única. A Igreja da Misericórdia, do início do século XIX, tem uma irmandade que já data de antes de 1741, cujos irmãos acompanham os defuntos e organizam as festividades da Semana Santa – uma das atracções religiosas mais importantes e uma das instituições mais prestigiadas de Alcafozes. Existem ainda, e já referenciadas em meados do século XVIII, a Capela do Espírito Santo, a Capela de Santo António (outrora do povo mas actualmente dentro de propriedade privada, que foi destruída pelas tropas napoleónicas e reconstruída em 1871) e a Capela da Senhora do Loreto. Como festividades, destacam-se as festas religiosas da Semana Santa a cargo da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia. Igualmente tradicional é a existência do madeiro no Natal, que dan-tes era composto por lenha roubada e que arde durante vários dias. As festividades principais são as janeiras e,

de dois em dois anos, por iniciativa da edilidade, o festival das criadilhas, tortulhos e espargos, e ainda as festas do Espírito Santo e Santo António. Outrora terra do carvão e do pão, dessa classificação quase nada resta. Como instituições, destacam-se a Santa Casa da Misericórdia, a Liga Amigos e Melhoramentos de Alcafozes, que publica um jornal trimestral, e a Associação Cultural e Recreativa. No antigo edifício da junta funciona a sua representação e um posto clínico, com visitas semanais de um médico e três vezes por semana de um enfermeiro. Até ao momento, estão registadas duas unidades de turismo rural.

IDANHA-A-NOVA

Sede do concelho, Idanha-a-Nova está unida à freguesia de Alcafozes e tem uma população de cerca de 2100 habitantes. Aqui se situam a câmara municipal, o tribunal, a sede da Junta de Freguesia da União das Freguesias de Idanha-a-Nova e Alcafozes, a Escola Superior de Gestão, o quartel da GNR, algumas indústrias transformadoras e sobretudo os serviços.

Historicamente, foi fundada pela Ordem dos Templários, que, após terem construído uma torre de menagem em Idanha-a-Velha que não oferecia condições de defesa, a abandonaram e construíram então o seu castelo num sítio alcantilado, em 1187, por Gualdim Pais. O rei D. Sancho I outorgou-lhe foral em 1206 para efeitos de povoamento e doou todo o território à Ordem do Templo, tendo este passado posteriormente para a Ordem de Cristo. Em 1510, D. Manuel I outorgou novo foral e constituem-se grandes casas senhoriais ligadas às



comendas, tendo-se formado grandes latifúndios depois da extinção das ordens religiosas.

Como património histórico-monumental, destaca-se o que resta do castelo dos Templários e a igreja matriz, construída sobre um templo medieval já em finais do século XVI, anunciando a renascença da invocação a Nossa Senhora Conceição, cuja imagem é do século XVII e com um altar-mor do século XVIII em talha dourada em estilo nacional. Possui também a particularidade de a torre sineira estar separada (resquício do período medieval). De assinalar ainda a Igreja da Misericórdia, do século XVI, e, fora da vila, a Capela de Nossa Senhora da Graça, também do século XVI, com um alpendre e, no seu interior (na capela-mor mais saliente), um retábulo em talha dourada. Como arquitectura civil, refiram-se o Solar dos Marqueses da Graciosa, mandado construir

em 1458 por Afonso Giraldes, fidalgo da Casa Real de D. João V (constituindo um raro exemplo de palacete deste período), a Casa dos Cunhas do século XVI / XVII, a Casa dos Condes de Idanha-a-Nova, conhecida por Casa do Corso (título criado por D. Carlos em 1892 a favor de Jerónimo Trigueiros de Araújo Martel da Costa), a Casa de Frederico Capelo Manzarra Franco num antigo Convento de Santo António do século XVII (com a capela de São Francisco Xavier do século XVIII) e o Palacete das Palmeiras, de 1900, pertencente a uma das famílias terratenentes, que em 1990 foi reconstruído e adaptado para albergar a Escola Superior de Gestão. Destacam-se ainda o edifício da câmara municipal, de 1950, onde funciona, além da câmara, o tribunal e as repartições de finanças e de registo civil. Outra instituição de relevo é o Centro Cultural Raiano, edifício da autoria do arquitecto Marçal Grilo, que alberga um museu etnográfico (com exposições



temporárias diversas e um auditório para duzentas pessoas), uma biblioteca municipal, inaugurada em 1996, e o Centro de Artes tradicional, onde artesãos trabalham em olaria, tecelagem e fabrico de adufes – instrumento da região por excelência. Quanto às festividades, destacam-se as da Semana Santa, carregada de simbolismo, e a festa da Senhora do Almortão, santuário afastado de Idanha-a-Nova, no meio da campina. Reza a lenda que certo dia uns pastores que atravessavam o campo no sítio de «Água Murta» viram no meio das murtas uma imagem de Nossa Senhora. Eles rezaram perante a imagem e decidiram levá-la para a igreja de Monsanto, mas a imagem desapareceu, vindo a ser encontrada no mesmo sítio, e assim foi construída uma ermida respeitando a vontade de Nossa Senhora. No Foral de Idanha-a-Velha de D. Sancho II, de 1229, é já mencionada a sua existência. A romaria realiza-se na segunda semana depois da Páscoa e nela participam as gentes de todas as povoações, que ali passam toda a noite cantando em louvor da santa, tocando adufe, e no domingo realiza-se uma procissão muito vistosa. Embora não seja a padroeira, ela é venerada pelas gentes de todo o concelho, e foi até cantada por Zeca Afonso. Não muito longe dali, o chamado Monte Trigo alberga o Campo Nacional de Actividades de Escuteiros, apesar de o acampamento nacional só decorrer de cinco em cinco anos e com participantes de outros países. A barragem Marechal Carmona, do tempo do Estado Novo, construída com o intuito de regadio, tem sido utilizada para lazer, possuindo uma piscina fluvial. E junto ao parque de campismo, nos últimos anos, realiza-se ali o Boom Festival, que atrai milhares de pessoas provenientes de todas as partes do mundo.

UNIÃO DAS FREGUESIAS DE MONSANTO E IDANHA-A-VELHA

Idanha-a-Velha – Esta união está inserida na rede de aldeias históricas de Portugal. Idanha-a-Velha foi fundada no século I a.C. com o nome de *civitas Igaeditanorum*. Foi elevada a município pertencente à província da Lusitânia, ficando, como tal, dependente de Mérida, no *Conventus Emeritensis*. De Mérida partia uma estrada romana que atravessava o Tejo em Alcântara, pela famosa ponte de Trajano, e que passava perto de Alcafozes até à *civitas Igaeditanorum*, seguindo depois para a Capinha, em direcção a *Visium* e Bracara Augusta. Terá provavelmente tido o seu fórum na praça do pelourinho e vários templos, assim como termas, e foi amuralhada no final do século III, princípio do século IV, o que reduziu a sua área urbana. As invasões bárbaras, nomeadamente dos Suevos e posteriormente dos Visigodos, vão alterar o panorama. Eles aceitaram a língua latina, aderiram ao catolicismo e, depois da unificação, formaram uma monarquia electiva visigótica, o que permitiu que o lendário rei Wamba fosse nomeado rei e partisse para a capital Toledo. Datará deste período a construção da igreja paleocristã, que terá sido sé de um vasto território, sobretudo a partir de 561, tendo o seu bispo estado presente no Concílio de Braga (reunião em que o rei Teodorico deixou o arianismo e aderiu ao catolicismo). Chegou inclusive a cunhar moeda. Com a invasão muçulmana por volta de 713, depois da batalha de Guadalete, o bispado saiu para Penamacor, e a cidade passa a ter o nome de Idania ou Exitania, sendo composta por uma população de cerca de mil habitantes. Nos séculos VIII, IX e X, é a *capita de kura* (espécie

de município muçulmano), manteve o seu prestígio e os seus templos terão sido transformados em mesquitas. Com a Reconquista, e nomeadamente com os fossados e desde os ataques de Afonso III de Leão no século IX, a área vai-se despovoando. Nesta altura, todo o território foi doado à Ordem dos Templários e, em 1187, Gualdim Pais vai construir Idanha-a-Nova. Em 1199, a Sé de Egitânia passa para a recém-fundada Guarda. D. Sancho I confirma as doações de seu pai e, em 1229, D. Sancho II concedeu-lhe foral, apesar de o território continuar em processo de despovoamento. Em 1319, fica na posse da Ordem de Cristo, tentando-se a sua revitalização. Já em 1510, D. Manuel I dá-lhe novo foral numa tentativa de repovoamento e fazem-se intervenções na sé, constrói-se a casa da câmara e o pelourinho, todavia, o declínio é evidente. Passa para comendas, mas no princípio do século XIX perde mesmo o estatuto de



Idanha-a-Velha

freguesia para se ligar a Alcafozes. Depois da extinção das ordens religiosas, os terrenos são adquiridos pelas famílias mais poderosas, entre elas, a família Marrocos, já mencionada em documentos no século XVIII como uma das principais (o alferes Joam dos Reys Leitam Marrocos e a sua filha Dona Joana Maria da Encarnação foram padrinhos de baptizado de uma menina em 1772). A vida agrícola girou muito em torno desta família, que adquiriu a antiga comenda da Granja de São Pedro. No século XX, esta família construiu um grande solar, que não chegou a ser terminado devido às vicissitudes da Revolução dos Cravos e foi abandonado, até que a câmara municipal o adquiriu, com o intuito de restaurar o edifício e os seus anexos e construir uma unidade hoteleira com algumas actividades associadas.

Dos seus monumentos destacam-se a muralha romana, (já do baixo-império com a porta norte) e a antiga catedral suevo-visigótica de forma basilical, com os baptistérios de emersão exteriores. Esta última foi transformada posteriormente em mesquita, tendo voltado a ser catedral após a Reconquista; foi igreja matriz com intervenções do ciclo manuelino do século XVI e foi finalmente desactivada no século XX. Encontra-se envolta em ruínas romanas, onde existe um manancial de pedras romanas com inscrições a céu aberto – embora exista um museu epigráfico interessante, é demasiado pequeno para albergar todo o acervo. Ainda entre os monumentos a destacar: o museu-lagar de varas recuperado, o pelourinho manuelino, símbolo do último foral dado por D. Manuel I, a casa da câmara (com a respectiva prisão no rés-de-chão, com uma cruz de Cristo), a antiga Igreja da Misericórdia

do século XVII (hoje igreja matriz, com uma torre adossada, um portal renascentista e elementos característicos de construção de pedreiros cristãos-novos, sendo que o portal é encimado por um tau), a torre de menagem templária (construída sobre o *podium* de um templo importante do fórum romano), a ponte romana sobre o rio Ponsul com intervenções medievais, as poldras romanas sobre o mesmo rio com acesso pela porta sul, a capela maneirista de São Dâmaso (que foi Papa e, segundo a tradição, era oriundo de Idanha-a-Velha), a Capela do Espírito Santo, fora de muralhas, e o Solar de Marrocos e as suas dependências que ocupavam grande volume da povoação completam os monumentos de Idanha-a-Velha. No entanto, com um olhar mais atento, é visível, na construção de casas ou adornos, a utilização de materiais romanos, particularmente colunas.

Monsanto – Alcantilada, é uma das aldeias históricas mais importantes de Portugal, tendo recebido em 1938 o galardão (Galo de prata) de aldeia mais portuguesa. Muitas das suas casas aproveitam como paredes os enormes pedregulhos. Foi sede de concelho entre 1174 e 1853, tendo-se tornado freguesia e, mercê do despovoamento em 2013, formou a União das Freguesias de Monsanto e Idanha-a-Velha. É um *inselberg*, onde o granito emerge atingindo os cem metros de altura. Provavelmente ocupada desde a Antiguidade com um castro em *Mons Sanctus*, ou Monsanto, foi habitada por povos bárbaros e há vestígios da presença visigótica e muçulmana, sobretudo no sopé. Teria sido facilmente tomada aos Mouros por D. Afonso Henriques, pois em 1165 foi doada ao



mestre templário Gualdim Pais, que mandou construir o castelo. Passados poucos anos, em 1172, o território foi entregue à Ordem de Santiago e, em 1174, recebeu uma primeira carta de foral, ainda outorgada por D. Afonso Henriques, e posteriormente confirmada por D. Sancho I (1190) e por D. Afonso II (1217), tendo depois voltado para a posse dos Templários. As lutas com o reino de Leão levaram à destruição do castelo reedificado e procedeu-se ao repovoamento do território. Terá sido no reinado de D. Dinis que o castelo foi reconstruído e se estabeleceu uma feira franca com o intuito de dinamizar a povoação. Monsanto recebeu novo foral com D. Manuel I em 1510. A estrutura defensiva foi alterada no período da Guerra da Restauração depois de 1640 e é dessa altura a construção da capela de Nossa Senhora do Castelo, restaurada no século xx. No contexto da Guerra da Sucessão Espanhola, foi várias vezes assolada pelos espanhóis,

tendo estes sido derrotados pelo exército português de Marquês das Minas, que recuperou todo o território perdido. O castelo foi ainda reparado na preparação para as Invasões Francesas, em 1808, mas em 1815 foi destruído por um raio, que atingiu também uma parte dos panos de muralhas e provocou uma explosão no paiol de munições. Com a extinção do concelho em 1853, acabou por ser abandonado. Resta a torre de menagem ou do pião, a cisterna e a Igreja de Santa Maria do Castelo.

Como património, Monsanto possui, além do castelo, as ruínas da Igreja românica de São Miguel do Castelo (com vários túmulos, a torre sineira e ainda a Torre do Lucano ou do Relógio, com a réplica do Galo de Prata), a Igreja Matriz de São Salvador (construída entre os séculos xv e xvi em estilo maneirista, mas com interior barroco, para substituir a abandonada Igreja de São Miguel do Castelo), o pelourinho (símbolo de vários forais, mas restaurado no século xx), a renascentista Igreja da Misericórdia (do século xvi, que ainda serviu de igreja matriz) e no sopé, no Carroqueiro, a Capela de São Pedro de Vir a Corça (que é um dos raros exemplos da arquitectura românica, relacionada com uma *villa* romana que aí terá existido ou com a lenda de um santo eremita, Santo Amador, que aí terá vivido em isolamento). Destaca-se ainda toda uma arquitectura solarenga como os Solares dos Pinheiros, o Solar do Marquês da Graciosa, o Solar dos Piores de Monsanto, a Casa de Fernando Namora e o seu consultório e uma casa seiscentista. Várias são as lendas ligadas a Monsanto, mas a mais interessante é a de Santa Cruz, celebrada na festa principal, a qual se liga ao lendário cerco do castelo pelos Romanos no século

II a.C. – cerco feito pelo pretor Lúcio Paulo, embora haja quem entenda que terá sido perpetrado pelos Muçulmanos, por volta de 1230, ou até pelos Castelhanos. Os sitiados, já com grande escassez de víveres, alimentaram a última vitela com o resto do trigo, atirando em seguida o animal pelos rochedos que, ao rebentar, pôde espalhar trigo, fazendo assim crer ao inimigo que existiam provisões para muito tempo e, conseqüentemente, o cerco foi levantado. Este episódio terá acontecido no dia de Santa Cruz, 3 de Maio, pelo que nesse dia as mulheres vestem as melhores roupas e rumam ao castelo acompanhadas por adufes e marafonas (bonecas de pano com uma cruz), com potes com flores que são atirados do castelo para o exterior num reviver do acontecimento da salvação da vila. Todos os anos se realiza com grande esplendor uma feira medieval dita templária. Monsanto possui ainda uma pousada que é simultaneamente hotel e aplicação do pólo da Escola de Gestão de Idanha-a-Nova.

PENHA GARCIA

Vila alcantilada debruçada sobre o Ponsul com os seus antigos moinhos de rodízio e as suas antigas azenhas, Penha Garcia é sobremontada por um castelo que foi mandado erguer por D. Sancho I, sobretudo para a protecção contra as pretensões do reino de Leão. Recebeu foral de D. Afonso III em 1256 e, em 1303, o rei D. Dinis doou a povoação aos Templários, tendo passado posteriormente para a Ordem de Cristo. Teve novo foral em 1510 com D. Manuel I e foi sede de concelho até 1836. Nos seus monumentos, incluem-se: o castelo, a Igreja



Matriz de Nossa Senhora da Conceição (que começou por ser um templo mandado construir no reinado de D. Dinis, no século XIII, de invocação a Santa Maria e que foi depois restaurado no século XX, restando uma imagem medievá de Nossa Senhora do Leite), a Capela do Espírito Santo e o pelourinho, erguido entre 1557 e 1558 no tempo de D. Sebastião. Não muito longe, existe um santuário de romaria – a festa da Senhora da Azenha. De destacar a rota dos fósseis com vestígios de vida de há 600 milhões de anos, integrada no Geoparque Naturtejo, e que é uma das atracções da região.

PROENÇA-A-VELHA

Proença-a-Velha é uma povoação bastante antiga, com foral doado em 1218 por D. Pedro Alvares, mestre da Ordem dos Templários, depois de todo o território



ter sido doado por D. Afonso Henriques àquela ordem religiosa militar. O seu foral foi renovado pelo rei D. Manuel I em 1510 e tem como principais atracções a casa da câmara, com a sua torre do relógio e o pelourinho manuelino, que possui todos os elementos deste estilo. Teve outrora castelo, mas com a Guerra da Restauração no século XVII e com as Invasões Francesas, ele praticamente desapareceu. Proença-a-Velha foi comenda de vários nobres até à sua extinção, em 1826, e tem como característica o facto de algumas casas com cantarias serem provenientes das ruínas do castelo. A sua igreja matriz remonta ao final do século XV e é referenciada na documentação da Ordem de Cristo, embora toda a sua estrutura actual seja do século XVIII – em estilo barroco e com talha do altar-mor datada de 1764. A Igreja da Misericórdia é das mais antigas e a sua Irmandade data de 1500, contudo a capela é posterior, pois existem

elementos mudéjares e outras estruturas que o provam. Destaca-se ainda o Núcleo Museológico do Lagar de Azeite, com prensas de varas, e um outro com prensas hidráulicas. O primeiro possui ainda uma vasta colecção de elementos ligados à actividade que proporciona grande riqueza a toda a região: o azeite. De dois em dois anos realiza-se o festival das sopas, uma festividade bastante conhecida.

MEDELIM

Medelim foi repovoada por D. Sancho I e foi priorado do Marquês de Cascais; possui a casa da câmara, o que demonstra que foi concelho, embora restem poucos vestígios disso. Tem como património as casas com os seus balcões – daí que seja conhecida como a aldeia dos balcões – e teve uma judiaria do século XVI. A igreja matriz é do século XIX e foi remodelada em 1960. A Igreja da



Misericórdia, que já existia antes de 1742 e talvez tenha sido instituída ainda no século XVI, possui uma grande volumetria a atestar a existência de um antigo hospital. A ermida do Senhor do Calvário, de fundação antiga, foi reconstruída em 1736 e a Capela de São Sebastião é de origem seiscentista. Medelim possui ainda várias casas apalaçadas que datam dos séculos XVIII a XX, algumas delas com belos jardins e árvores exóticas, tendo inclusive sido recuperado um palacete do século XVI para um espaço museológico.

SÃO MIGUEL DE ACHA

A sua origem é desconhecida, embora a tradição local a atribua a uma lenda de uma princesa muçulmana. Foi território da Ordem dos Templários e da Ordem de Cristo e sabe-se que em 1663 existia uma praça-forte com



governador, tendo São Miguel de Acha sido elevado a vila em 1752. Chegou a ser concelho, pelo que no seu património se destaca a antiga casa da câmara e vários solares de entre os séculos XVII e XX. Algumas casas possuem molduras de portas e janelas do período manuelino. A igreja matriz de invocação ao Arcanjo São Miguel data do século XVIII e tem altar de talha em estilo nacional, bem como várias capelas com alpendres. As suas festividades da Semana Santa são uma das mais importantes do concelho.

LADOEIRO

O seu nome primitivo foi Esporão até 1505, tendo sido rebaptizada de Ladoeiro devido à existência de numerosos charcos, pois foi desde sempre um território muito fértil – razão pela qual foi repovoada por D. João III e elevada a sede de concelho em 1541. Não possuindo qualquer defesa, Ladoeiro foi objecto de saques e destruição durante a Guerra da Restauração e entra posteriormente em decadência. Depois da construção da barragem Marechal Carmona, tornou-se uma zona próspera, bastante rica em água. Tendo chegado a ser a grande região de produção de tabaco, possui hoje uma agricultura intensiva de tomate e melancia e é propícia à agro-pecuária, permitindo a existência de indústrias transformadoras, nomeadamente a de queijos. Como património, destacam-se o cruzeiro, a igreja matriz (de arquitectura maneirista dos finais do século XVII e com intervenções posteriores de natureza barroca), a Igreja da Misericórdia (de 1581, também com intervenções posteriores), e a Fonte Grande, de 1571, com as armas de D. Sebastião.



UNIÃO DAS FREGUESIAS DE ZEBREIRA E SEGURA

Zebreira – O seu nome provavelmente deriva de zebros (que significa bois ou novilhos). À semelhança de outras freguesias, Zebreira foi repovoada pela Ordem dos Templários no século XII e chegou a ser concelho. Terra bastante rica em cereais, frutas e oliveiras, possuía, no século XIX, grandes baldios, que foram desaparecendo. É de assinalar como património a igreja matriz, do século XVIII, o pelourinho, de 1686, e a casa da câmara. Mencione-se ainda a escola primária do Estado Novo, com os seus belos azulejos na fachada. Como equipamento de lazer, Zebreira possui uma das piscinas municipais mais interessantes do concelho.

Segura – Segura situa-se junto à fronteira com Espanha, demarcada pelo rio Erges e representada pela ponte. Foi outrora o primeiro bastião de defesa contra os Castelhanos, apresentando o que resta de uma fortaleza que terá sido extremamente importante. O castelo já existia no tempo de D. Dinis, o que leva a crer que já estariam estabelecidas as fronteiras entre Portugal e Castela. Foi também D. Dinis que doou o castelo e as terras à Ordem de Cristo. No século XIV, D. Fernando, considerando tratar-se de um ponto estratégico importante, acrescentou-lhe uma barbacã e D. Manuel I elevou-a a concelho em 1510, que foi depois extinto em 1836. Durante a Guerra da Restauração, foi fortificada e reforçada, mas mostrou-se impotente para conter as tropas de Junot na sua entrada em Portugal na primeira invasão napoleónica em 1807, tendo em 1846 sido extinto o seu governo militar. Com a destruição e degradação do castelo, foi construído no





seu local a torre do relógio, no século xx. Segura possui um pelourinho manuelino do século xvi e casa da câmara, hoje junta de freguesia com o brasão real barroco. O casario é um misto de influência espanhola com algumas cantarias com marcas da presença judaica. A igreja matriz, do século xviii, apresenta intervenções posteriores já modernas. A Igreja da Misericórdia, que se sabe existir desde antes de 1600, possui um notável pórtico e um campanário. E, nas imediações, existe a ermida de Santa Marinha, local de romaria depois da Páscoa.

ROSMANINHAL

Rosmanihal tem uma localização estrategicamente importante e está dividida em dois núcleos: o antigo, com os seus principais monumentos, e outro, mais moderno, já nos arrabaldes. Após a reconquista do território aos

Mouros, foi integrado por D. Afonso Henriques em território doado à Ordem Militar dos Templários em 1165, que ia desde o rio Zêzere ao rio Erges. O seu castelo de fronteira terá sido construído em 1229. Quando criou a Ordem de Cristo em 1319, D. Dinis integrou o Castelo do Rosmanihal nesta ordem, passando a ter comendador e alcaides-mores – os Marqueses de Fronteira. O rei D. Manuel I, em 1510, outorgou-lhe foral, passando a concelho, embora o seu castelo já estivesse arruinado e as suas pedras reutilizadas. Durante a Guerra da Sucessão Espanhola, em 1706, a vila foi fortificada com um muro e foi sede de concelho até 1836. Do seu património, nada resta da fortificação, mas existe um imponente pelourinho manuelino com coluna torça encimada pela esfera armilar e pela cruz de Cristo (um dos mais belos existentes em Portugal). Existem, contudo, a antiga casa da câmara brasonada e várias capelas, com destaque



para a da Misericórdia, que existe desde 1581, a do Espírito Santo, a de São Roque e São João, a de Santo António, a de São Pedro e a Capela das Santas. Há festividades interessantes, destacando-se as festas de São João. Nesse dia, depois de farto almoço, tem lugar a cerimónia de «Tirar do Galo». Na Rua do Espírito Santo, é colocada uma corda de lado a lado da rua com uma argola no centro. Os cavaleiros a galope devem tirar a argola com um pau e o primeiro a fazê-lo tem como prémio um galo. Rosmaninhal fica em pleno Parque Natural do Tejo Internacional.

UNIÃO DAS FREGUESIAS DE SALVATERRA DO EXTREMO E MONFORTINHO

Salvaterra do Extremo – As suas origens remontam ao século XIII, tendo recebido foral de D. Sancho II em 1229. Em território doado à Ordem do Templo, construiu-se um castelo que D. Dinis, na sua política de definição de fronteiras com Castela, reconstruiu em 1297 depois do Tratado de Alcanices, quando estas ficaram definidas. Foi construído um castelo de traçado circular, mas com uma torre de menagem bem fortificada. A povoação desenvolveu o seu tecido urbano a partir do castelo pela encosta da colina «com costas viradas a Castela». No âmbito da Guerra da Restauração, no século XVII, foi dotada de uma sólida fortificação abaluartada e o tecido urbano redimensionou-se. Após as Invasões Francesas, as muralhas foram sendo abandonadas e os seus materiais reutilizados, restando apenas pequenos panos de muralha. Como património, destacam-se a igreja matriz, a Misericórdia, que data de 1581, a casa da câmara



municipal, que funcionou desde 1510 até 1855, o pelourinho manuelino, do século XVI, e um chafariz do século XVIII com as armas reais em baixo-relevo. Ainda é visível uma torre, a Atalaia, que vigia Espanha. No domingo a seguir à Páscoa, realiza-se o tradicional Bodo, que atrai forasteiros dos dois lados da fronteira.

Monfortinho – É uma freguesia antiga e escondida na serra, que foi praticamente destruída na Guerra da Restauração, a partir de 1640. É conhecida pela organização do tradicional Bodo após a Páscoa – uma festa popular de agradecimento à Nossa Senhora da Consolação por livrar os campos e searas, em 1870, da enorme praga de gafanhotos. Esta freguesia é famosa pelas suas Águas Santas – as Termas de Monfortinho, que possuem águas hipomineralizadas, bicarbonatadas, sódicas, cálcicas e magnésicas, com um dos maiores teores de sílica entre as



águas termais portuguesas. A temperatura de nascente é de 29° C e apresenta um pH de 5,45. O caudal de nascente atinge 36 000 litros por hora. Estas termas são únicas em Portugal e são indicadas para doenças crónicas de pele, doenças hepatovisculares, doenças gastrointestinais, doenças reumáticas, doenças das vias respiratórias, litíase renal e também para repouso e bem-estar, encontrando-se abertas durante todo o ano. Estas termas são dotadas de vários equipamentos hoteleiros, com destaque para três hotéis, vários restaurantes e uma piscina municipal.

LOCAIS DE INTERESSE TURÍSTICO NOS ARREDORES DO CONCELHO

Sortelha é a aldeia que disputou com Monsanto a final da aldeia mais portuguesa em 1936. Foi sede de concelho desde 1288 a 1855. Terá sido um castro do neolítico.

Após a Reconquista, foi dado foral a Sortelha por D. Sancho II, em 1228, altura em que se deve ter construído o castelo. D. Dinis, depois do tratado de fronteiras com Castela, reforçou as muralhas, D. Fernando cercou-a de muralhas e, em 1510, D. Manuel deu novo foral. A vila viu as suas defesas reforçadas, pois esteve envolvida nas guerras da Restauração, no século XVII, da Sucessão Espanhola, no século XVIII, e também nas Invasões Francesas, no princípio do século XIX. Além das muralhas e do castelo com a sua torre de menagem alta-neira, destacam-se a casa da câmara, o pelourinho, a igreja matriz, de origem setecentista, e vários solares. Possui diversos restaurantes e casas de turismo no espaço rural.

Belmonte é um município sede de concelho. A sua história remonta ao século XII e recebeu foral de D. Sancho I em 1211. Aqui nasceu o navegador Pedro Álvares Cabral e se desenvolveu uma comunidade de criptojudeus, que, aquando da expulsão de Portugal pelo rei D. Manuel I, por aqui ficaram, tendo sido apelidados de marranos. Os seus usos e costumes foram mantidos e só por volta de 1970 é que entraram em contacto com Israel e oficializaram a sua religião. Mais tarde, fundaram uma sinagoga e em 2005 abriram um museu judaico. O castelo medieval de Belmonte sofreu várias alterações, tal como vários baluartes e outros monumentos: a Igreja de Santiago e a capela anexa dos Cabrais (de que o pai de Pedro Álvares Cabral foi alcaide), o pelourinho do tempo de D. Manuel I, que foi desmantelado em 1885 e reconstruído posteriormente, a Igreja Matriz da Sagrada Família, o Ecomuseu do Zêzere, o Museu do Azeite e o Museu dos Descobrimentos, para além da judiaria e outras capelas.



Belmonte

Aqui perto situa-se a Torre de Centocelas (*Centum Cella*) com doze metros de altura, que teria pertencido a uma *villa* romana do século I numa zona de exploração de estanho. Foi destruída no século III por um incêndio, tendo servido de capela de invocação a São Cornélio e de atalaia, até cair em ruínas no século XVIII.

Sabugal situa-se em terras de Riba-Coa, é município e foi elevado a cidade. O território foi ocupado desde a Antiguidade e sobretudo na época dos metais, pois é rico em cobre e estanho, tendo existido vários castros. A romanização fez-se no século I e há vestígios de marcos miliários e pequenos assentamentos militares. Na Reconquista, vai ser motivo de discórdia com Afonso IX de Leão, que funda aí o concelho de Sabugal, abrangendo Alfaiates, Vila Maior e Caria Talaya. Em 1215, o mestre da Ordem dos Templários D. Pedro Alvito funda o castelo de Vila

de Touro, que constitui um tampão. As desavenças fronteiriças só terminam com o Tratado de Alcanices em 1297, quando são fixadas as fronteiras definitivas. No século XIV, com as guerras fernandinas, toda a região é afectada. D. Manuel I concedeu novo foral em 1515 ao Sabugal e a outros concelhos limítrofes, como Vila Touro, Vila Maior e Alfaiates. A Guerra da Restauração, no século XVII, e as invasões napoleónicas são dois momentos de grande destruição para o Sabugal. Como património, destaca-se o castelo de cinco quinas fundado pelo rei Afonso IX de Leão em 1224 e que recebeu foral de D. Dinis em 1296 – um ano antes do tratado de Alcanices, tendo as muralhas sido reforçadas. Na Guerra da Restauração, foi construída a torre do relógio, que depois de abandonada foi reedificada em 1940. Destaca-se igualmente o pelourinho.

Penamacor é sede de concelho e devido à sua posição geográfica terá sido um castro, posteriormente ocupado sobretudo pelos Suevo-Visigóticos e Muçulmanos, vindo depois a ser conquistada em 1199 por D. Sancho I, que doou a povoação à Ordem dos Templários, a Gualdim Pais, como foi confirmado por foral em 1209. O seu nome advém de lendas relacionadas com o salteador Pana Mavor ou Penha Ma-Cor. Penamacor passou a ter câmara, e o castelo foi fortificado. D. Dinis, no século XIV, criou com D. Fernando uma nova cintura de muralhas reforçadas. Aquando da Guerra da Restauração, no século XVII, o Conde Castelo Melhor adapta a defesa às novas armas de artilharia construindo seis baluartes. Em 1834, a guarnição foi retirada e os baluartes foram sendo destruídos para dar lugar a uma nova malha urbana. Como monumentos, para além do castelo e da

cidade no interior das muralhas, destacam-se a casa da câmara e o pelourinho, a Igreja de Santo António, o busto a Ribeiro Sanches (pois estamos em concelhos de cristãos-novos) e as capelas de Nossa Senhora da Conceição e de São Domingos. Não muito longe, situa-se o Parque Natural da Serra da Malcata, com uma altitude de 1075 metros, e que continua em Espanha com a Sierra da Gata. Do lado de Portugal, a serra tem uma área de cerca de 16,5 mil hectares, dedicada quase toda ela à protecção do lince-ibérico, embora se estime que ele esteja quase extinto. Há outras espécies como o corço, que parece ter regressado, a raposa vermelha, a gineta e a cegonha-preta, muito rara em Portugal. Penamacor é de uma das grandes reservas de lítio do país.

Castelo Branco é a capital de distrito e concelho limítrofe de Idanha-a-Nova. O seu nome deverá ser proveniente de Moncarche. Com a Reconquista, o território foi doado à Ordem dos Templários, mas o ataque dos Muçulmanos obrigou D. Sancho I a doá-lo aos Hospitalários. Posteriormente, em 1199, ele voltou para a posse dos Templários, por existir no interior uma ilha – a Herdade da Cardoso –, que era pertença de Fernando Sanches, filho do rei, que acabou por fazer essa doação aos Templários. Em 1213, Moncarche recebe novo foral de Pedro Alvito, mestre dos Templários. Foi terra da Ordem de Cristo, de cristãos-novos e teve o segundo foral em 1510 com D. Manuel I. Na Guerra da Restauração, no século XVII, e na Guerra dos Sete Anos, a cidade foi invadida e saqueada. Em 1771, foi elevada a cidade e criada a diocese e, em 1787, Nossa Senhora do Rosário foi concedida como a padroeira de Castelo Branco. Em 1807,

o exército de Junot invadiu Castelo Branco, tendo aí encontrado vigorosa resistência. Em 1880, foi extinta a Sé e Castelo Branco passou a depender da Sé de Portalegre. É natural daqui Amado Lusitano, famoso médico judeu. Como monumentos destacam-se o castelo, de 1209, com a torre de menagem, o Palácio dos Alcaides e Comendadores, a Igreja de Santa Maria do Castelo, a cidade medieval com a judiaria, a Casa do Bispo, o Convento da Graça (hoje sede da Santa Casa da Misericórdia), o Paço Episcopal (que alberga o Museu Tavares Proença, com os famosos jardins do século XVIII), a casa do Arco do Bispo, a antiga câmara, do século XVI, a Igreja de São Miguel (que foi a sé), um templo do século XVII (construído sobre outro medieval com intervenções barrocas do século XVIII), várias igrejas e conventos (de que se salienta a ermida de Nossa Senhora de Mércules, com a sua grande tradição de festas e romarias), a Igreja da Santa Casa da Misericórdia (fundada no século XVI^{POR} D. Manuel I) e vários palácios e solares, entre os quais o dos Cavaleiros, do XVIII, que alberga o Museu Gargãleiro, uma das grandes atracções.

LOCAIS COM INTERESSE NA ESPANHA LIMÍTROFE DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA

Na zona limítrofe, destacamos na província autónoma da Extremadura, não muito longe da fronteira, as seguintes localidades para serem visitadas:

Zarza la Mayor possui vestígios pré-históricos como dólmenes, menires, a Igreja Paroquial de Santo André,

do século XVII, a Igreja de Nuestra Señora del Castillo, do século XVII, e outras ermidas deste período. A fortaleza Peñafiel e as ruínas dos castelos del Madroñal e las Moreas, o palácio do Comendador, do século XIV, e a Real Fábrica de Seda, do século XVIII.

Alcântara possui a maior ponte romana mandada construir pelo imperador Trajano, em 106, sob a direcção do engenheiro Caio Júlio Lacer, com seis arcos com 61 metros de altura e com um arco triunfal de Trajano, a meio, com 10 metros. Foi construída com impostos das vilas lusitanas para ligar Norba (Cáceres) a Conímbriga. O seu nome em árabe significa ponte, e ao longo dos tempos ela foi sendo parcialmente destruída: em 1213, pelos Muçulmanos e, em 1543, o rei D. Carlos I desfigurou-a ao colocar-lhe ameias. Durante as guerras napoleónicas, um dos seus arcos foi destruído, mas ela foi depois restaurada em 1860, no tempo da rainha Isabel II. Em 1969, foram fechados os túneis para ser construída a barragem, que se situa cerca de 600 metros acima e possui uma praia fluvial. A cidade de Alcântara foi berço de São Pedro de Alcântara, o reformador da Ordem Franciscana. A presença romana é clara pela existência da majestosa ponte. A população muçulmana «Cantara-as-Saif» controlava o passo na ponte e após lutas entre cristãos e muçulmanos, Alcântara caiu nas mãos do rei Afonso IX de Leão, em 1213. Tendo pertencido inicialmente à Ordem Militar de Calatrava, passou para a Ordem Militar de São Julião Pereiro, que mudou para aqui a sua sede e passou a chamar-se Ordem de São Pedro de Alcântara. Foi local de guerras com Portugal no século XVII e XVIII, chegando a ser ocupada pelos Portugueses.

Como monumentos, destacam-se a Praza Mayor com o seu Ayuntamiento e o Convento de São Benito, bem como a casa matriz da Ordem de Alcântara e numerosos palácios senhoriais.

Coria era já povoada antes da romanização com o nome Caura – os Romanos deram-lhe o nome *Caurium* e ela foi uma cidade romana importante, no período visigótico. Foi sede de bispado e aí se construiu uma basílica, mas em 714 os Muçulmanos construíram no mesmo local uma mesquita. A sua reconquista aos Muçulmanos foi difícil: aconteceu primeiramente em 1085, depois os Almorávidas tomaram-na em 1109 e, após várias tentativas, só veio a ser conquistada definitivamente em 1142. Depois da Reconquista, manteve o bispado. Como monumentos, destacam-se a catedral (construída em 1598 no local da antiga catedral visigótica) e a mesquita em estilo gótico, com um claustro interessante, que sofreu estragos com o Terramoto de 1755 (inclusive a torre sineira caiu). Outros monumentos a visitar são as muralhas romanas dos séculos III-IV, o Palácio Bispal, do século XVII, o Castelo de Cória, do século XV, o Convento da Madre de Deus, do século XIII (alterado posteriormente), a ponte velha medieval dos séculos XV-XVI e os palácios do Duque de Alba, também dos séculos XV-XVI.

Texto de João Leitão

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, D. Fernando, (1977) *Ruínas de Idanha-a-Velha, Civitas Igaeditanorum Egitânia*.
- Andrade, Mário Marques, (1949) *Subsídios para a Monografia de Segura*.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão, (2008) *Monsanto, Etnografia e Linguagem*, Presença, Lisboa.
- Carvalho, António Maria Romeiro, (2015) *Misericórdias do Concelho de Idanha-a-Nova, judeus e cristãos-novos na sua fundação*, Vila Velha de Ródão.
- Celestino, Joaquina Salgueiro da Silva, (2013) *O Mistério da Senhora do Loreto Alcafozes, por terras de Idanha-a-Nova*.
- Caro del Corral, Juan Antonio, (2018) *Violencia y Muerte em la Raya: Zarza La Mayor y Su Comarca durante La Guerra da Restauração de Portugal (1640-1668)*.
- Lourenço, Adelino Américo, (2001) *Este pedaço de vida que vos dei... 25 anos de Padre em Alcafozes (1976-20014)*, Alcafozes.
- Milheiro, Maria Manuela de Campos, (1972) *Monsanto, História e Arqueologia*, Lisboa.
- Neves, Vítor M. L. Pereira, (1996) *As Aldeias Históricas de Monsanto, Idanha-a-Velha e Castelo Novo*, Lisboa.
- Palha, Maria Subtil Corte Real Garcêz, (2005) *A Padroeira Universal da Aviação – Um itinerário*, dissertação de licenciatura, ESHTe, Estoril.
- Santos, Vasco, (2013) *Cancioneiro da Velha Aldeia*, Óbidos.
- Silva, Pedro Miguel Canitos Rego, (2003) *Memórias Paroquiais – Transcrições do Concelho de Idanha-a-Nova*, Edirala, Castelo Branco.

www.cm-idanhanova.pt

www.cm-castelobranco.pt

www.cm-penamacor.pt

www.cm-sabugal.pt





Associação Portuguesa de Tripulantes de Cabine



SINDICATO NACIONAL DE PESSOAL DA AVIAÇÃO CIVIL